

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PINHEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ACÍRIA NAZARÉ LEITE SÁ

EDUCAÇÃO SEXUAL E HOMOFOBIA: uma percepção de respeito à diversidade sexual em uma escola de ensino médio na cidade de Pinheiro - MA

Pinheiro - MA
2023

ACÍRIA NAZARÉ LEITE SÁ

EDUCAÇÃO SEXUAL E HOMOFOBIA: uma percepção de respeito à diversidade sexual em uma escola de ensino médio na cidade de Pinheiro - MA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão campus Pinheiro para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Oliveira Arruda

Pinheiro - MA
2023

Sá, Acíria Nazaré Leite.

Educação sexual e homofobia: uma percepção de respeito à diversidade sexual em uma escola de ensino médio na cidade de Pinheiro - MA / Acíria Nazaré Leite Sá. – Pinheiro, MA, 2023.

...f

TCC (Graduação em Ciências Biológicas) – Centro de Estudos Superiores de Pinheiro, Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana de Oliveira Arruda.

1.Sexualidade. 2.Gênero. 3.Gestão escolar. 4.Educação sexual. I.Título.

ACÍRIA NAZARÉ LEITE SÁ

EDUCAÇÃO SEXUAL E HOMOFOBIA: uma percepção de respeito à diversidade sexual em uma escola de ensino médio na cidade de Pinheiro - MA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão campus Pinheiro para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 10 / 01 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Mariana Oliveira Arruda (Orientadora)
Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia

Rafael Sousa Pinto
Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia

Maury Luz Pereira
Biomédico, Mestre em Biologia Microbiana

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, que sempre me deu forças nos meus momentos de fraqueza, e sempre esteve comigo durante a minha jornada. Também dedico este trabalho à minha mãe e minha avó que são meus pilares e minha fonte de apoio, carinho e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que sempre me guiou em minha vida, por ter me proporcionado todas as oportunidades, para que eu pudesse chegar até esta etapa de minha vida.

À minha mãe, Célia Regina Campos Leite, que sempre esteve comigo, que me apoia incondicionalmente e sempre me amou e cuidou e me ajudou, por ser o meu pilar e a minha maior incentivadora. A minha avó, Pedrolina Campos Leite, que é uma segunda mãe para mim, que sem ela não conseguiria passar por mais esta etapa da minha vida. À minha prima/irmã, Ingrid Thais Leite Ramos, por ser minha amiga. Vocês são muito importantes para minha jornada.

Agradeço imensamente ao meu amigo, Saymon D' Lucas Soares Rodrigues, pelas risadas e conversas que tivemos, além de toda ajuda e companheirismo que teve pela minha pessoa. No qual, teve um papel muito importante na construção deste TCC, agradeço por ter contribuído com a escrita, organização e formatação deste trabalho.

Meus agradecimentos também a Luckian Emmanuel Ferreira Melo e Taynara de Jesus Correa Pinheiro, que contribuíram no desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. E para as amigas que conquistei ao longo da graduação, Gabrielle Cunha Barros, Deusinete Lopes e Ane Glauce Pereira Ferreira, que compartilharam comigo momentos de suor e risadas.

Agradecimento especial à minha orientadora, Mariana Oliveira Arruda, que teve paciência comigo, me forneceu a orientação necessária para a conclusão do presente trabalho, e pelo seu empenho e compreensão comigo.

À professora Maria de Jesus Câmara Mineiro, que participou do meu processo de formação acadêmica, também parabênzo por ser uma ótima diretora de curso e por todo incentivo que recebi ao longo da graduação.

À Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, instituição que me ajudou no meu crescimento pessoal e na tomada de novos conhecimentos. Agradeço também a todos os docentes, discentes, técnicos administrativos que me ajudaram de maneira direta ou indiretamente.

*“A mente que se abre a uma nova ideia
jamais voltará ao seu tamanho original.”
Albert Einstein*

*“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo”.
Legião Urbana*

RESUMO

A homofobia está corriqueiramente presente na sociedade, principalmente no âmbito escolar, onde diversas personalidades e gêneros se reúnem em um mesmo ambiente. No qual, a escola é um ponto crucial ao trabalho voltado para a educação sexual e no que diz respeito ao combate à homofobia, pois possui a função social de formação de jovens que estejam aptos a conviver em uma sociedade democrática e diversa. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi promover a sensibilização sobre a homofobia por meio de ações de Educação Sexual em uma instituição de ensino do município de Pinheiro - MA. Para tanto, esta pesquisa trata-se de um estudo quali-quantitativo exploratório, estruturado em três componentes: (I) os dados obtidos por entrevistas, documentos, observações, gravações e registros; (II) os meios utilizados para a organização dos dados que foram coletados; (III) e os registros de relatórios verbais e escritos, no qual, teve seu foco da aplicação para gestores e alunos da 1^o e 2^o série do Ensino Médio dos dois turnos do Instituto Federal do Maranhão. Sendo assim, através dos dados obtidos, conseguiu-se perceber os mecanismos utilizados pelos gestores para serem utilizados para o enfrentamento da homofobia no ambiente escolar e as metodologias aplicadas para o ensino da educação sexual em sala de aula com os estudantes. Além disso, identificou-se barreiras educacionais que a instituição educacional encontra na sua inserção da temática dentro ambiente escolar, fazendo assim que existam déficits em relação a esta pauta. Nesse sentido, os respondentes participantes da pesquisa apontaram que embora não existam casos graves dentro da escola, também não é um local totalmente seguro para a liberdade sexual. Diante disso, é evidente a necessidade da realização de atividades e/ou projetos que tenham como foco a educação sexual e problemas que a homofobia ocasiona na vida dos adolescentes.

Palavra-chave: Sexualidade; Gênero; Gestão escolar; Educação Sexual na Escola.

ABSTRACT

Homophobia is routinely present in society, especially at school, where different personalities and genders come together in the same environment. In which, the school is a crucial point for work aimed at sex education and with regard to the fight against homophobia, as it has the social function of training young people who are able to live in a democratic and diverse society. In this sense, the general objective of this research was to promote awareness about homophobia through Sexual Education actions in a teaching institution in the municipality of Pinheiro - MA. Therefore, this research is an exploratory quali-quantitative study, structured in three components: (I) data obtained from interviews, documents, observations, recordings and records; (II) the means used to organize the data that were collected; (III) and the records of verbal and written reports, in which it focused on the application for managers and students of the 1st and 2nd grades of High School of the two shifts of the Federal Institute of Maranhão. Thus, through the data obtained, it is possible to perceive the mechanisms used by managers to be used to face homophobia in the school environment and the methodologies applied for teaching sex education in the classroom with students. In addition, educational barriers were identified that the educational institution encounters in its insertion of the theme within the school environment, thus causing deficits in relation to this agenda. In this sense, the respondents participating in the survey pointed out that although there are no serious cases within the school, it is not a totally safe place for sexual freedom either. Therefore, it is evident the need to carry out activities and/or projects that focus on sex education and the problems that homophobia causes in the lives of adolescents.

Keywords: Sexuality; Genre; School management; Sex Education at School.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Fachada do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus de Pinheiro.

23

Figura 2 - Porcentagem referente a pergunta: *“De que maneira, o tema educação sexual e homofobia está inserida no Projeto Político Pedagógico?”*.

28

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Perguntas aplicadas na metodologia do Mapa da Empatia com os alunos do Ensino Médio do Instituto Federal do Maranhão/Campus Pinheiro. 25
- Quadro 2** - Dados referentes à pergunta: “*O tema Educação Sexual é trabalhado na escola? Caso afirmativo, de que maneira é trabalhada?*”. 27
- Quadro 3** - Dados referente a pergunta: “*Em relação à sexualidade no contexto atual, qual é o seu pensamento? E quais os níveis de ensino você acha interessante trabalhar o tema?*”. 29
- Quadro 4** - Dados referentes à pergunta: “*O que significa homofobia?*”. 31
- Quadro 5** - Dados referentes à pergunta: “*Em sua opinião, no Ambiente Escolar, é seguro assumir a sexualidade com confiança? Por quê?*”. 33

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFP	Conselho Federal de Psicologia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ES	Educação Sexual
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual/Arromânticas/Agênero
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROSAD	Programa de Saúde do Adolescente
PSE	Programa Saúde na Escola
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

LISTA DE ABREVIATURAS

Art.	Artigo
Dra.	Doutora
nº	Número
p.	Página
Profa.	Professora
Quali.	Qualitativo
Quanti.	Quantitativo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
2.1 Geral	15
2.2 Específicos	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 Sexualidade e Educação	16
3.2 Gestão Escolar e Diversidade Sexual	17
3.3 Homofobia Dentro do Ambiente Escolar	18
3.4 Políticas Públicas de Educação Sexual na Escola	20
3.5 Atuação da Escola Frente a Homofobia	21
4 METODOLOGIA	23
4.1 Tipo de estudo	23
4.2 Caracterização da área de estudo	23
4.3 Descrição das etapas do trabalho	24
4.4 Procedimentos Metodológicos	24
4.1.1 Dinâmica Minha Bandeira Pessoal	24
4.1.2 Dinâmica do Mapa da Empatia	25
4.3 Análise dos dados	26
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
6.1 Identificação dos participantes da pesquisa	27
6.2 Percepção dos gestores sobre sexualidade e homofobia	27
6.3 Percepção dos alunos sobre sexualidade e homofobia	30
6.4 Métodos pedagógicos que abordam a temática da Educação Sexual e homofobia dentro do ambiente escolar	36
6.5 Avaliação das experiências vivenciadas, visando uma análise sobre processo de aprendizagem e sua efetividade, chegando ao diagnóstico situacional referente à aplicação das atividades	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	45

1 INTRODUÇÃO

A homofobia está corriqueiramente presente na sociedade, principalmente no âmbito escolar, onde diversas personalidades e gêneros se reúnem em um mesmo ambiente. Sabe-se que a falta de informação e o sistema arcaico ainda enraizado, trazem consigo inúmeros obstáculos que tornam o combate à homofobia uma tarefa árdua, longa e complexa. O seio familiar influencia diretamente as relações sociais dos indivíduos, sendo muitas vezes considerado conservador e/ou religioso, fazendo com que essa temática se amplie dentro e fora do âmbito escolar (PERUCCHI et al., 2014).

A escola é um ponto crucial no que diz respeito ao combate à homofobia, pois possui a função social de formação de jovens que estejam aptos a conviver em uma sociedade democrática e diversa. Dentro desse viés, o Atlas da Violência, passou a computar dados acerca da violência contra a comunidade LGBTQIA+ em 2019 (CERQUEIRA et al., 2019, p. 56), no qual apontou o agravamento de situações discriminatórias nos últimos anos e a questão da invisibilidade sobre essa relação. E neste cenário não é muito diferente do encontrado no ambiente educacional.

Ademais, o âmbito escolar, com a família e a mídia, constitui um forte agente na formação de conceitos e preconceitos das novas gerações, sendo que parte desses remete justamente às novas identidades sexuais e de gênero, além dos novos modelos familiares que habitam o mundo contemporâneo, podendo ser compreendido como: “modelos de educação sexual na escola podem promover o diálogo, a troca de experiências e informações e maior autonomia quanto ao exercício da sexualidade” (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

É válido destacar que apesar da escola possuir o encargo de viabilizar o combate à homofobia, ela nunca será um espaço neutro, sem preconceito, pois se os sujeitos assumem ações específicas dentro daquilo que a sociedade aceita como “normal”, o outro que é “diferente” torna-se estranho, ou nas palavras de Butler (2008): “um objeto, um ser que assume uma posição imposta de marginalidade de exclusão”.

Segundo a Constituição Federal de 1988, no Art. 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No Art. 206 “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de

condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1988). Portanto, um local de inclusão de todos os indivíduos pertencentes à sociedade, sem exclusão ou rebaixamento de seus direitos perante outros cidadãos.

Adicionalmente, destaca-se também o papel do psicólogo, que deve ser oferecido gratuitamente, onde o mesmo necessita se fazer presente diariamente no âmbito escolar, com o corpo docente para prestar serviços de ajuda aos alunos, não apenas para aqueles que sofrem diariamente com a exclusão, mas também para os incentivadores e iniciadores dessa prática tão descabida.

Conforme o Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da Resolução CFP N°001 de 22 de março de 1999, que estabelece no Art. 4º “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão, contrário às práticas de reversão sexual, a medicalidade e qualquer ato discriminatório”.

Deste modo, reflexões sobre a importância dessa temática no âmbito escolar é fundamental, pois nesse período os alunos estão moldando sua identidade de acordo com o convívio que estabelece com outras pessoas. A homofobia e os preconceitos são grandes barreiras para o desenvolvimento da Educação, então trabalhar e criar metodologias para se trabalhar com alunos, professores e toda comunidade acadêmica são formas de respeito à diversidade dentro da escola.

A inserção de uma Gestão Democrática no âmbito escolar é essencial para a formação dos futuros cidadãos, visto que, busca a participação e a autonomia escolar. Nesse viés, a gestão democrática deriva das instâncias escolares, e esses aspectos em sua construção, tais como, a participação, a autonomia, a transparência e o pluralismo (LUCK, 2007).

Diante dessa discussão, as relações de gênero integram os obstáculos da educação contemporânea, uma vez que, exigem demandas específicas no processo de intervenção docente, seja na promoção de debates e pesquisa, ou na elaboração de estratégias didáticas-pedagógicas, que coloquem enfoque as diferenças e pluralidades humanas (FERREIRA; COSTA, 2020).

Nesse cenário percebe-se a necessidade de metodologias e políticas que abordem o combate à homofobia no contexto escolar, a orientação sexual, a inclusão, o acolhimento e a sensibilização de alunos, professores e gestores no que tange o respeito à diversidade como meio de erradicar esse tabu que se encontra preso na sociedade.

De acordo com Silva; Tunce (2019) as questões sobre identidade de gênero precisam ser observadas, estudadas e gerenciadas nas escolas. E segundo Barroso; Mercês (2021) o papel da gestão escolar é combater a homofobia, onde a utilização do Projeto Político Pedagógico se torna uma estratégia da gestão democrática para a construção de ações no combate a homofobia e toda forma de preconceito.

Um ponto que pode ser crucial nesse cenário é: Que medidas a gestão escolar toma em relação ao trabalho de educação sexual? Como a escola se prepara para possíveis casos de discriminação sexual dentro do âmbito escolar? Quais as perspectivas dos estudantes do ensino médio em relação a educação sexual e homofobia sendo trabalhados em sala de aula?

Desta forma, o principal objetivo desse estudo foi a promoção de ações sobre o enfrentamento da discriminação sexual por uso de metodologias envolvendo a educação sexual e a sensibilização da comunidade escolar, nesse caso no Instituto Federal do Maranhão - IFMA Campus Pinheiro, buscando uma abordagem interdisciplinar com os gestores e alunos, focando na sensibilização destes sobre o combate à homofobia.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- Promover a sensibilização sobre a Homofobia por meio de ações de Educação Sexual em uma instituição de ensino do município de Pinheiro - MA.

2.2 Específicos

- Analisar o grau de compreensão da gestão escolar e dos alunos sobre educação sexual no Instituto Federal do Maranhão;
- Entender o conhecimento prévio dos alunos acerca da Homofobia e as ações da instituição para trabalhar essa temática no ambiente escolar;
- Desenvolver métodos pedagógicos que abordam a temática da Educação Sexual e Homofobia dentro do ambiente escolar;
- Avaliar as experiências vivenciadas, visando uma análise sobre processo de aprendizagem e sua efetividade, chegando ao diagnóstico situacional referente à aplicação das atividades.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Sexualidade e Educação

A BNCC foi prescrita na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) na Lei nº 9394/96, onde esta legislação é responsável por estabelecer diretrizes e bases da organização do sistema (BRASIL, 1996). E que se refere no Art. 26 o seguinte sobre o currículo educacional.

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

Na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foi incluído temas transversais a orientação sexual, sexualidade e seu reconhecimento quanto ao seu sexo, sendo incorporada nas Diretrizes Curriculares Nacionais, visando estabelecer a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação qualificada (SARTORI, 2022).

A sexualidade na fase da adolescência apresenta uma situação de vulnerabilidade devido às mudanças e transformações vivenciadas por esse grupo (SAITO et al., 2016). Dessa forma, a escola pode ser um espaço muito perturbador para esses jovens que ainda estão construindo sua identidade e personalidade e ao sofrerem essas repressões modelam sua forma de agir socialmente e ainda tem reflexo em seu rendimento escolar.

Nesse sentido, a Educação Sexual (ES) torna-se objeto de conhecimento da área de Biologia, levando a um entendimento acerca dos conhecimentos do corpo e a prática do sexo seguro (FURLANI, 2011). Uma vez que, possibilita o contato com outras expressões de gênero de modo a compreender com a diversidade.

Além disso, este tema ainda sofre muitas repercussões dentro e fora da escola, pois não são todas as pessoas que conseguem falar sobre essa temática abertamente em respeito ao próximo (SAITO et al., 2016). E existem muitas culturas religiosas que assumem tendências homofóbicas, colocam os indivíduos homossexuais numa posição de inferioridade e caracterizam a heterossexualidade como o “normal” e aceito. Diante disso, expressão sexual em sala de aula independe do nível de escolarização, e os seres pertencentes a esta estão sujeitos a muitos tipos de identidades, que se expressam no processo de socialização (FURLANI, 2011).

Como analisa Frazão; Fukumitsu (2020):

A terminologia da heterossexualidade e da cisgeneridade, têm recebido esta denominação o normal, as outras expressões e identidades são consideradas anormais e torna única possibilidade de gênero homem/mulher, macho/fêmea, masculino/feminino (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2020).

Portanto, percebe-se como as construções sociais tornam os homossexuais muitas vezes isolados de grupos sociais, sendo marginalizados na sociedade, vistos como indivíduos a serem excluídos de outros, principalmente em relação às questões empregatícias. Em geral, os empregos atribuídos a esses grupos são considerados “inferiores” dentro da sociedade. Como exemplificado por Cisne (2018), em geral 33% das empresas brasileiras optam por não contratar pessoas LGBTQIA+ em altos cargos, desta forma 61% da comunidade preferem esconder sua orientação sexual nos ambientes de trabalho e 90% dos travestis por não conseguirem adentrar o mercado de trabalho estão em situação de prostituição.

3.2 Gestão Escolar e Diversidade Sexual

Uma direção educacional eficiente é imprescindível para o crescimento e desenvolvimento da instituição, pois agrega muito mais do que apenas a passagem de conteúdo, mas sim a formação cidadã do aluno de forma integral. Deste modo, a coordenação educacional se torna essencial para identificar episódios vexatórios de preconceito dentro do contexto escolar de forma planejada para transpor seu entrave (BARROSO; MERCÊS, 2021). Sendo assim, Luck (2009) define sobre o gestor que:

Cabe ao gestor identificar e buscar compreender “as expressões de preconceitos e tendenciosidades prejudiciais à formação e aprendizagem de todos os alunos e as práticas educacionais convergentes necessárias para esses objetivos” (LUCK, 2009, p. 115).

Logo, uma instituição que procura estar voltada para uma gestão democrática é primordialmente bem quista na sociedade, uma vez que, um dos princípios definidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e na Constituição Federal, que estabeleceu em seus princípios da educação, está em qualquer nível, a Gestão Democrática, sendo esta uma prognose da educação como um processo social colaborativo (LÜCK, 2009). Dado que, a participação democrática dos demais membros é essencial para assegurar um sistema educacional eficiente na formação cidadã. Desta maneira, cabe salientar que a democracia:

“[...] não é um fim em si mesma; é uma poderosa e indispensável ferramenta para a construção contínua da cidadania, da justiça social e da liberdade compartilhada. Ela é a garantia do princípio da igualdade irrestrita entre todas e todos [...]” (CORTELLA, 2014, p. 146).

Nesse viés a direção escolar está ligada às questões voltada para a liberdade e antiautoritarismo, onde se destaca o importante papel do diretor, que possui função de “líder”, ou seja, alguém que consiga abordar os desejos e pretensões da comunidade escolar, levando em conta suas ideias e opiniões (ADÃO; JUNIOR, 2020). Ao diretor também cabe “ter uma visão de conjunto e uma atuação que prenda a escola em seus aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros e culturais” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003, p. 332).

Desse modo, o Projeto Político Pedagógico (PPP) é um registro essencial para a gestão democrática, garantido pela LDB Lei nº 9394/96, estando ligado ao planejamento e acompanhamento das atividades pedagógicas, realizado conforme a realidade da instituição, podendo haver diversas atualizações durante o ano letivo (BARROSO; MERCÊS, 2021).

Nessa perspectiva, o PPP deve evidenciar suas metas e objetivos, organizando as ações a serem desenvolvidas pela comunidade e instaurando o perfil dos alunos que se pretende formar (BARROS, 2013). Portanto, é um instrumento indispensável na gestão e se configura como um meio para a superação de adversidades, tais como, a homofobia no ambiente escolar (MORAES, 2017).

3.3 Homofobia Dentro do Ambiente Escolar

O termo homofobia foi criado por Weinberg no ano de 1972, e este termo ainda não é bem aceito por muitos autores, logo que se refere a um “medo irracional” contra o homossexual, porém esse significado não deve se restringir, visto que, engloba aspectos psicossociais dos indivíduos. Destarte, quando essas situações são silenciadas dentro da escola, ao serem negadas e reduzidas a somente “brincadeiras”, contribui para a permanência dessas práticas, levando aqueles que fogem do padrão a uma solidude (BARROSO; MERCÊS, 2021).

Logo, isso incita nos alunos um determinado exemplo de “normalidade” a ser seguido, nesse caso, e aqueles que assumem outras orientações sexuais e de gênero são considerados exemplos de modelos condenatórios, de desprezo e rejeição (BARROSO; MERCÊS, 2021). Sendo assim, Santos; Cerqueira (2020), observam que:

A escola então nesse prisma deve ser um ambiente de combate à discriminação, “ao passo que esses indivíduos são discriminados e violentados, eles têm esses direitos ameaçados ou violados, o que contribui para a evasão escolar, também resultante da exclusão que sofrem nesses ambientes” (SANTOS; CERQUEIRA, 2020).

Nesse contexto, a homofobia tem um significado que remete a uma aversão e repugnância destinadas a pessoas homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais, dentre outros. Haja visto que, essas pessoas sofrem preconceito diariamente em diversos espaços sociais, tais como, dentro do ambiente domiciliar, do trabalho, da igreja e muito comumente no espaço escolar. Sendo assim, esta ainda é levada em função dos aspectos emocionais por ser uma das dimensões da sexualidade humana, que carrega diversos preconceitos, tabus e estigmas (SAITO et al., 2016).

A discriminação sexual e de gênero no espaço escolar é uma realidade presente em muitas escolas, pois quando se fala de diversidade sexual sempre traz consigo pautas de teor polêmico e que precisa de muita atenção conjunta da escola e família.

Como analisado por Marreto, Teixeira; Bessa (2010):

“É nesse campo de tensão que encontramos um dos temas mais difíceis de serem abordados no espaço escolar, a homofobia, [...] um tema que, necessariamente fará parte da agenda de qualquer projeto de Educação Sexual que se pretenda comprometido com a igualdade de direitos” (MARRETO; TEIXEIRA; BESSA, 2010).

Além disso, uma escola que prioriza trabalhar as desigualdades sociais que surgem a partir dessa opressão de gênero, oportuniza o respeito dos indivíduos sobre os contrastes existentes no mundo. Outrossim, a escola é a principal instituição que trabalha no enfrentamento desse tipo de violência, pois possui em seu cerne a função social de promover uma educação baseada no respeito dos direitos humanos e sociais (BARROSO; MERCÊS, 2021).

Nesse sentido, Diniz (2011), discorre sobre o conceito de homofobia na sociedade moderna:

Vale ressaltar também que o conceito de homofobia atualmente ainda representa um conceito tolerado pela sociedade, ou seja, é bem comum existir políticas e Direitos a pessoas negras, a mulheres, presidiários, sem-terra, no entanto quando se fala de violência ou luta contra o direito dos gays, esse assunto não recebe tanta atenção (DINIZ, 2011).

Nessa visão, torna-se bem fácil ouvir e até expressar ódio e repreensão contra os grupos homossexuais, principalmente como afirmação de heterossexualidade. Dessa forma, percebe-se a importância do treinamento para os

profissionais educacionais envolvidos com a instituição, em vista de que, é necessário competência e imparcialidade para o atendimento a esse público (SAITO et al., 2016).

3.4 Políticas Públicas de Educação Sexual na Escola

Medidas que melhorem o cenário de crianças e adolescentes sobre o tema educação sexual se torna essencial no ambiente escolar, pois pode ser um grande gerador de mudanças e deve ser implantada nesse ambiente, e ter como intuito trabalhar a diversidade sexual de maneira clara e segura para os alunos. Deste modo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) mostrou-se uma Política Pública essencial, onde garante prioridade absoluta dos direitos desse público, assim como responsabilidades (VIEIRA; MATSUKURA; VIEIRA, 2017).

Segundo Sfair (2012), sobre esses documentos:

[...] a predominância de documentos relacionados a programas e projetos públicos que incitam sobre as práticas educativas em sexualidade na adolescência são em sua maioria provenientes do Ministério da Saúde. Baseado nisso, grande parte desses documentos, focam subsídios teóricos e práticos para os profissionais que desenvolvem as práticas vinculadas à ES (SFAIR, 2012).

Tendo em vista isso, deve-se ocorrer diálogos e campanhas ao respeito no âmbito escolar para falar sobre essa temática, além de apresentações que envolvam a diversidade, família, e os aspectos trazem benefícios para os adolescentes homossexuais, especialmente a aceitação familiar acerca de sua orientação sexual. Visando essa particularidade, em 1996 foi criado pelo Ministério da Saúde, o Programa Saúde para Adolescentes (PROSAD), que traz estratégias de intervenção e cuidados, tendo como objetivo reduzir os riscos e vulnerabilidades (VIEIRA; MATSUKURA; VIEIRA, 2017).

O Programa de Planejamento Familiar por mais que não seja uma Política Pública exclusiva dentro da adolescência, inclui uma abordagem sobre os métodos contraceptivos, gravidez, dentre outras temáticas (BRASIL, 1996). Além disso, em 2007, foi gerado o Programa Saúde nas Escolas (PSE), uma parceria entre os Ministérios da Educação e da Saúde (BRASIL, 2007), no qual, aborda diversas temáticas vinculadas à saúde da criança e do adolescente, em especial as questões relacionadas à sexualidade (VIEIRA; MATSUKURA; VIEIRA, 2017).

No Brasil, existe uma elevação da taxa de mortalidade dos indivíduos, destacando-se a comunidade LGBTQIA+. Principalmente nos estados de São Paulo,

Bahia e Pará, que apresentam uma taxa maior entre os estados brasileiros, ademais esses atos são mais corriqueiramente frequentes. E essa prática é comparada com o crime de racismo, tendo punições cívicas.

Assim, segundo a Lei 7.716/89, Art. 20, aponta que:

Uma proteção para o público LGBTQIAPN+, em caso de agressão física ou verbal: "Praticar, induzir ou incitar a discriminação, ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional" (BRASIL, 1989).

Apesar da Constituição não citar a homofobia como um crime, cita-se que não deve haver preconceitos de cor, idade, sexo e/ou raça, ou seja, todos devem ser tratados de maneira igual, porém geralmente isso não ocorre. Dessa maneira, é necessário a criação de leis mais rígidas que amparem a comunidade LGBTQIA+, para que estes se sintam menos desprotegidos perante a sociedade.

Ainda nesse contexto, mesmo após a constituição de 1988 ser promulgada, é visto grande retrocesso no que diz respeito aos direitos individuais dos cidadãos, ainda mais para a comunidade LGBTQIA+. Assim, muitas pessoas infringem a lei e cometem várias atrocidades contra essas pessoas; além disso, essa visão da sociedade acerca do diferente contribui para que essas pessoas e outros grupos sociais marginalizados fiquem mais reféns de preconceitos de vários tipos.

3.5 Atuação da Escola Frente a Homofobia

A escola tem um papel crucial no combate à homofobia dentro do ambiente educacional, uma vez que nesses espaços é muito comum ocorrer discriminação de gênero, especialmente na fase da adolescência, por ser um período na vida do ser humano de profundas transformações e do afloramento dos seus desejos. Então, a necessidade de trabalhar a ES no ambiente escolar se torna necessária, pois informações a respeito do próprio corpo e de uma vivência sexual saudável são imprescindíveis no combate ao preconceito e violência (MAIA, 2019).

Portanto, a educação por possuir uma dimensão universal reconhece a diversidade e a igualdade de todos perante a sociedade. Diante disso, o diálogo mostra a principal estratégia tomada pela direção da instituição para desmobilizar a LGBTfobia (FERREIRA; MACÊDO; SANTOS, 2022). Contudo, prevenir essas violências escolares se torna um caminho complexo, e com base nisso um caminho mais acessível seria recorrer às políticas públicas como mediadora de projetos aplicados pelas instituições (ADÃO; JUNIOR, 2020).

Nessa perspectiva, a educação, uma formadora de cidadãos, surge como possibilidade de conscientização da dinamização da relação que envolve o gênero e as perspectivas de mudança que possam acontecer. Portanto, trabalhar a sexualidade requer uma docência capacitada, a fim de atender as demandas exercidas pelos alunos, onde precisa lidar com os tabus e preconceitos que essa temática insere (MAIA, 2019), pois a homofobia constitui um dos problemas educacionais, e prejudica academicamente os alunos, dado que, por medo e vergonha, estes preferem se ausentar do convívio em sala de aula, a fim de evitar mais discriminação e humilhação, assim ocasionando a evasão escolar. Os problemas que a falta de informação, possibilita a geração da violência e como consequência o aumento de reprovações e abandonos, relacionando primeiramente à identidade de gênero (MORAES, 2017).

Outrossim, tais medidas podem ser adotadas a fim de reduzir o número de ocorrências no ambiente institucional, seja por ações que envolvam a participação do corpo escolar de forma democrática, onde a escola se integre em conhecer sua realidade e dos alunos.

Portanto, é fundamental que temas como educação sexual e homofobia sejam discutidos em sala de aula com brevidade, pois é uma pauta que em geral possui muitas polêmicas ao ser debatido. Visto que, ao serem colocados de modo precoce nos espaços educacionais, possibilita que as crianças e os adolescentes, tenham contato com as diversidades e pluralidades, possibilitando a compreensão e o respeito ao próximo (ALMEIDA, 2008). Assim a ES voltada a atender os interesses comuns, deve ser mais valorizada, pois é uma pauta importante para que as pessoas possam ter conhecimento acerca da sexualidade voltada para as questões biológicas.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

Essa pesquisa trata-se de um estudo quali-quantitativo exploratório, estruturado em três componentes: (I) os dados obtidos por entrevistas, documentos, observações, gravações e registros; (II) os meios utilizados para a organização dos dados que foram coletados; (III) e os registros de relatórios verbais e escritos.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir da aplicabilidade de questionários, onde evidenciou o grau de compreensão que a comunidade escolar possuía em relação à educação sexual e o enfrentamento da homofobia dentro da instituição educacional.

4.2 Caracterização da área de estudo

A referida pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), localizado no município de Pinheiro - MA (Figura 1). No qual, a instituição conta com uma área de 53.000m² e possui aproximadamente 558 alunos, distribuídos nos cursos técnicos de Administração, Informática e Meio Ambiente, correspondendo às três séries do Ensino Médio nos turnos matutino e vespertino, sendo que no turno noturno funciona apenas o curso superior Tecnólogo em Gestão Ambiental.

Figura 1. Fachada do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus de Pinheiro.



Fonte: Autora, 2022.

4.3 Descrição das etapas do trabalho

Primeiramente foi realizada uma visita ao Instituto Federal do Maranhão (IFMA), para a apresentação do projeto e dos objetivos da pesquisa para os diretores, coordenadores pedagógicos, visando dessa maneira o esclarecimento dos procedimentos metodológicos para a realização da ação, onde entregou-se um o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), para a autorização das informações que seriam fornecidas pelos mesmos.

Posteriormente ocorreu uma visita nas salas de aula para a apresentação dos objetivos do projeto para os estudantes. Ao final da explicação, entregou-se para os adolescentes o TCLE. No qual, os estudantes deveriam entregar aos seus pais e/ou responsáveis, assim como os próprios adolescentes foram informados da realização do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B).

Os sujeitos da pesquisa foram os gestores escolares, e os estudantes das 1^ª e 2^ª séries do Ensino Médio. Desta forma, utilizou-se para coleta de informações, perguntas semiestruturadas contendo perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE C e D). Das quais, relacionam-se sobre a temática educação sexual, objetivando identificar os conhecimentos prévios e os tipos de ações metodológicas que a instituição possui para trabalhar esse tema.

4.4 Procedimentos Metodológicos

Foi realizado uma palestra no auditório da instituição, na ocasião ocorreu palestra, roda de conversa e debate sobre temáticas relacionadas à Educação Sexual e homofobia (APÊNDICE E). A palestra contou com exposição teórica sobre temas pertinentes, como: o corpo humano com ênfase na Educação para Sexualidade e fases da vida humana e algumas atividades práticas.

4.1.1 Dinâmica Minha Bandeira Pessoal

No início da palestra foi exibido imagens de bandeiras, mostrando suas histórias e as lutas por trás de cada uma, além da realização de uma prática que permitiu o autoconhecimento dos alunos. Para a realização da atividade proposta foram entregues uma folha A4 e cada aluno construiu sua própria bandeira a partir de seis perguntas, por intermédio de um desenho ou de um símbolo na área

adequada. Os que não conseguiram desenhar escreveram uma frase ou algumas palavras ou ainda utilizaram recortes de revistas (APÊNDICE F).

4.1.2 Dinâmica do Mapa da Empatia

Na segunda parte do workshop foi realizada uma aplicação do Mapa da Empatia com os alunos, onde foram separados em grupos (APÊNDICE G). Cada grupo recebia uma folha A4 com o mapa da empatia (APÊNDICE H). O Mapa da Empatia pode ser entendido como uma ferramenta para conhecer as necessidades e se colocar no lugar do outro, como forma de conhecer as suas dores e pensamentos (QUAISER, 2017).

O mapa apresentou questões que deveriam ser analisadas e respondidas, a fim de identificar seus sentimentos e pensamentos acerca da temática (Quadro 1). Antes de responderem o mapa, os alunos assistiram e conheceram os relatos de pessoas que sofreram homofobia dentro do ambiente escolar. A utilização de vídeos possibilita que os alunos conheçam as histórias de pessoas que já passaram por essas situações, além disso utilizar essa ferramenta cria uma identificação e auxilia no entendimento dos problemas que a homofobia traz consigo.

Quadro 1. Perguntas aplicadas na metodologia do Mapa da Empatia com os alunos do Ensino Médio do Instituto Federal do Maranhão/Campus Pinheiro.

PERGUNTAS	INTUITO
1 – O que você vê?	Na primeira etapa o foco das questões são estímulos visuais, pergunta-se sobre o que ele olha e como ele vê o mundo.
2 – O que você ouve?	Para saber como o indivíduo é influenciado pelos sons e os diversos meios atuais de comunicação, pode-se perguntar sobre ídolos e/ou sobre o que as pessoas falam.
3 – O que você pensa e sente?	O objetivo dessa etapa é saber como o indivíduo se sente em relação a situação atual, apresentando questões relacionadas aos sentimentos.
4 – O que você fala e faz?	Para entender o comportamento do indivíduo, analisando o que ele fala e faz, é preciso atentar-se ao discurso e prática.
5 – Quais são suas dores?	Nesta etapa do Mapa da Empatia é possível entender quais as dores do indivíduo em relação a sua situação atual, questionando insatisfação,

	frustrações ou reclamações.
6–Quais são as necessidades?	Com o objetivo de identificar oportunidades, pergunta-se as necessidades do indivíduo.

Fonte: Autora, 2022.

4.3 Análise dos dados

Para análise das informações coletadas utilizou-se três etapas propostas por Bardin (2011): a pré-análise, onde ocorreu as entrevistas; descrição analítica onde o material foi explorado e realizada a sua codificação e categorização e, por último, o tratamento dos resultados onde foi realizada a inferência e interpretação através da análise reflexiva e crítica.

Os dados foram organizados através do uso de gráficos, figuras, tabelas, registros dos eventos durante a execução do referido trabalho. Adicionalmente, os resultados foram obtidos por meio de um formulário aplicado pelo *Google Forms* (*online*) sobre as percepções dos gestores e alunos em relação a temática sobre sexualidade e homofobia dentro do ambiente educacional.

Para a percepção dos gestores com relação à temática sobre sexualidade e homofobia dentro do ambiente escolar foi aplicado um questionário. No qual, teve como principal intuito entender como a instituição lida com os casos de discriminação em seu âmbito e quais medidas são tomadas para os casos graves de discriminação homoafetiva

Para a proteção e o sigilo dos participantes envolvidos na pesquisa, buscou-se identificá-los ao longo do trabalho apenas como: A1, A2...(Alunos) e para G1, G2...(Gestores), relacionando-se com as ordens de suas respostas dadas. Assim, foram convidados a participarem da referida pesquisa, voluntariamente, estudantes da 1º e 2º série do Ensino Médio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), com faixa etária entre 14 e 18 anos.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Identificação dos participantes da pesquisa

Ao iniciar a apresentação dos resultados com as discussões dos autores sobre o assunto abordado, identificou-se a importância da apresentação de alguns dados sociográficos dos gestores e alunos participantes da pesquisa.

Desta forma, os dois gestores participantes possuem faixa etária de 38 anos, se autodeclararam como homem cis e ambos possuem nível superior em áreas diferentes. Em relação aos anos que estão à frente da gestão educacional, ocorreram pequenas variações, sendo que o G1 está há quatro anos no cargo, enquanto o G2 possui seis anos na direção educacional.

Os respondentes da pesquisa, foram 68 (Alunos) participaram do estudo realizado no IFMA. No qual, sendo estes do sexo feminino N=46 (67,6%) e do sexo masculino N=22 (32,4%). Aplicados para os dois turnos (Matutino e Vespertino), ao qual são oferecidos pela instituição.

Observou-se que muitos estudantes não eram residentes do município correspondente ao IFMA, sendo N=41 (60,3%) residentes do município de Pinheiro e os demais eram de Peri Mirim N=7 (10,3%); Presidente Sarney 5 (7,4%); Bequimão N= 5 (7,4%); São Bento N=6 (8,8%); Palmeirândia N=2 (2,9%); Central N=1 (1,5%).

6.2 Percepção dos gestores sobre sexualidade e homofobia

Para a eficácia da pesquisa manteve-se o total sigilo dos gestores, sendo identificados ao longo do trabalho com a terminologia G1 e G2. Iniciou-se o questionário perguntando sobre a importância de trabalhar a Educação Sexual na escola, conforme demonstrado no quadro 2.

Quadro 2. Dados referentes à pergunta: “O tema Educação Sexual é trabalhado na escola? Caso afirmativo, de que maneira é trabalhada?”.

Gestores (G)	Respostas
G1	<i>“De maneira transversal em diversos componentes curriculares.”</i>
G2	<i>“De modo transversal por meio das ações das diversas disciplinas bem como por meio de projetos temáticos.”</i>

Fonte: Autora, 2022.

Os gestores do IFMA campus Pinheiro apontam que a educação sexual é trabalhada na escola de forma transversal, o que já é previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas segundo Cardieri (2011), são os gestores, os responsáveis por efetivar tais abordagens de forma eficiente. Nesse sentido, a gestão escolar tem como principal função adotar metodologias que assegurem a inserção da execução de atividades e projetos voltados para a ES de crianças e adolescentes, com estratégias em conjunto aos professores (GOMES, 2020).

Outrossim, quando perguntados em relação aos projetos acadêmicos voltados para a temática de educação sexual e homofobia, ambos os gestores responderam que “*Sim*”. Portanto, seguindo essa linha sobre o nome do projeto, o G1 em sua fala frisa que: “*O Campus Pinheiro possui uma Comissão de Combate ao Assédio que aborda, entre outros temas, a temática diversidade sexual e o combate à homofobia.*” Diante disso, o G2 ressalta o projeto “*IFMA Livre da Violência de Gêneros*”.

Mediante isto, o empenho dos gestores em proporcionar um ambiente seguro para toda a comunidade escolar se mostra uma tarefa desafiadora, visto que a diversidade sociocultural e econômica é um fator determinante na construção dos projetos de intervenção. Expressões discriminatória e de teor tendenciosas são prejudiciais à formação e no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, assim práticas educacionais tornam-se necessárias para o combate destas atitudes (LÜCK, 2009).

Em relação à pergunta: “*A escola possui o Projeto Político Pedagógico*”, analisou-se que ambos responderam que “*Sim*”, e em seguida foi perguntado “*De que maneira, o tema educação sexual e homofobia está inserida no PPP?*”, onde dentre as opções estavam: “*Oficinas*”; “*Palestras sobre a temática*”; “*Campanhas ofertadas dentro da escola*” e “*Outros*”. Por conseguinte, um dos gestores indicou que por meio das “*Campanhas ofertadas dentro da escola*”, enquanto outro indica que é por meio de “*Outros*”. No obteve-se as seguintes alternativas: “*Outros*” e “*Campanhas ofertadas dentro da escola*”, para os dois gestores alvo da pesquisa.

Portanto, percebe-se a importância de inserir no PPP da instituição a temática referente à educação sexual e homofobia. De acordo com Barroso; Mercês (2021), o PPP ganha um importante papel como instrumento de gestão democrática onde esses mecanismos podem ser institucionalizados e assim, fazer parte da proposta pedagógica da escola.

Destarte, trabalhar essa temática desde os anos iniciais se torna fundamental para um desenvolvimento social saudável do indivíduo, onde pautas como o respeito, liberdade de expressão e de gênero, sejam trabalhadas de forma integral na instituição. Para Moraes (2017) o combate à homofobia na escola, deve primeiramente oferecer informações seguras sobre sexualidade; problematizar a gênese do preconceito; promover a cultura de paz pela valorização das diferenças e não do reforço à desigualdade, além de ensinar a todos.

Nesse sentido, foi questionado: “*Você como gestor escolar auxilia no trabalho com a Educação Sexual?*” Todos responderam que “sim”, e em relação a pergunta “*A escola envolve a família nos projetos de educação sexual?*” “*Como ocorre esse envolvimento?*” Para um gestor, o envolvimento da família nos projetos ocorre através de reuniões onde são discutidas essa temática, para o outro gestor, nas reuniões de pais é falado muito superficialmente quando necessário. Segundo Vidal (2002), o papel da escola é oferecer suporte ao trabalho da família, abordando aos seus estudantes diferentes pontos de vista em relação ao assunto, que na maioria das vezes os pais não abordam.

Além disso, também foi perguntado se “*A escola promove eventos que envolvam o tema sexualidade, os pais são convidados a participar?*”, para responder essa pergunta encontravam-se as seguintes opções: “*Sim, e a maioria dos pais comparecem*”; “*Sim, mas poucos responsáveis comparecem*”; “*Não promovem esses eventos*”. Observou-se que ambos os gestores responderam que “*Sim, mas poucos responsáveis comparecem*”. Para Nery et al. (2015), o corpo familiar é a base ideal para a formação dos adolescentes, por ser o meio transmissor dos valores necessários para o conviver em sociedade, dependendo do perfil e princípios de cada família.

Diante disso, vale ressaltar o papel fundamental da família para a instituição, visto que ela é o primeiro núcleo social que se estabelece com o indivíduo, então garantir uma boa comunicação com esse grupo pode amenizar situações de preconceito e violência nas escolas. Assim, a interação família-escola torna-se um instrumento fundamental, para que não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes voltadas para a sexualidade. Nesse viés, deve-se ter em mente que trabalhar com a educação sexual nos ambientes escolares pode ser

emocionalmente custoso aos gestores, professores e os próprios alunos (MOIZÉS; BUENO, 2010).

6.3 Percepção dos alunos sobre sexualidade e homofobia

Para a compreensão da percepção dos alunos com relação à temática sobre sexualidade e homofobia, dentro e fora do ambiente escolar, aplicou-se um formulário via plataforma digital *Google Formulários*, no qual foi disponibilizado um link de acesso no grupo do *Whatsapp* dos alunos das 1^o e 2^o séries do Ensino Médio.

Perguntou-se no questionário: “O que significa homofobia?” No quadro 4 evidenciou-se o grau de conhecimento que os alunos possuem em relação às pautas voltadas para homofobia, tanto dentro do âmbito educacional quanto no seu convívio com outros indivíduos, para identificação de como eles lidam com a questão da homofobia em seu dia a dia.

Quadro 4. Dados referentes à pergunta: “O que significa homofobia?”.

Alunos (A)	Respostas
A1	“É um tipo de preconceito por pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo.”
A2	“É a intolerância, ódio, aversão ou preconceito contra homossexuais, lésbicas, transexuais, bissexuais que fazem parte da comunidade LGBTQIA+.”
A3	“Na minha opinião seria o medo de outros descobrirem a existência de outras sexualidades no qual podem se amar... Além de que pode ser crime, desrespeito, falta de senso do ser humano, ou algo normal para algumas pessoas, existe um grupo de “LGBTQ+” que é composto por homossexuai, pansexualidade, bixessuais, transexuais, lésbicas e outros que sobre por agressões tanto verbais como físicas por isso eu digo “NÃO” à homofobia.”
A4	“Preconceito que algumas pessoas têm pelos LGBTQIA+.”
A5	“Discriminação ou preço contra a comunidade LGBTQIA+.”
A6	“Desrespeitar o direito de alguém de expressar e viver sua sexualidade e identidade de gênero.”
A7	“É um ato de não respeitar e aceitar a orientação sexual das pessoas.”
A8	“É um preconceito contra pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero.”
A9	“É uma série de atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação a pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero, ou percebidas como tal.”

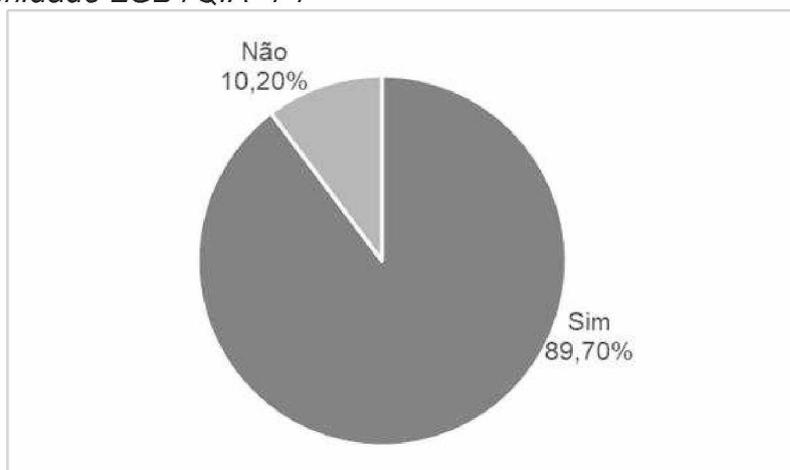
A10	“Homofobia é o preconceito contra aqueles que amam pessoas do mesmo sexo. É o preconceito contra pessoas que têm sentimentos, anseios, necessidades e esperança como qualquer outro humano. E o que há de errado nisso? Nada. Não devem existir regras para o amor, ele deve seguir apenas o respeito e a liberdade.”
-----	---

Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Pode-se compreender nas falas dos alunos A2; A3; A4; A9; A10, conforme mostrado no quadro 4, que as questões voltadas para homofobia não são desconhecidas pelos alunos, muito embora alguns apresentem dificuldades ao tratarem sobre o assunto. Sendo assim, evidencia que o contato com essas questões quanto mais cedo é benéfico, pois com isso a diversidade sexual não será mais vista com estranhamento e discriminação, da qual a formação da cultura e do espaço educacional devem ser mobilizadores dos alunos e estimular seu desenvolvimento, a construção de sua compreensão de uma cidadania competente (LÜCK, 2009, p. 22).

Perguntou-se também aos alunos se havia amigos ou familiares que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, sendo que N=61 (89,7%) responderam que “Sim”, enquanto somente N=7 (10,3%) responderam “Não” (Figura 2). Portanto, percebe-se que os alunos em sua maioria possuem contato com pessoas que são de outros gêneros e sexualidades. O contato com pessoas que possuem diferentes orientações sexuais dos alunos, ajuda a compreender os problemas enfrentados por aqueles que são ditos “diferentes”.

Figura 2. Dados referentes à pergunta: “Você tem amigos ou familiares que fazem parte da comunidade LGBTQIA+?”.



Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Nessa perspectiva, compreende-se que segregar os grupos de pessoas cria ainda mais barreiras e preconceitos que causam prejuízos para os oprimidos. Uma vez que, dessa maneira perpétua dentro da sociedade que exclui a comunidade LGBTQIA+, irá impedir que outros indivíduos assumam sua identidade sexual.

Segundo Castro; Abramovay; Silva (2004) as diversificadas formas de agressões, seja verbais ou físicas no ambiente escolar, por vezes ocasionadas pelos atos de homofobia, lesbofobia dentre outros, são feitas de forma branda e pouco perceptível, sendo a exclusão do indivíduo e o afastamento da pessoa LGBTQIA+ a forma mais comum.

Sobre a questão: “*Em sua escola, já presenciou cenas de homofobia?*”, percebeu-se que N=37 (54,4%) dos alunos marcaram a alternativa “*Sim*”, ou seja, tiveram contato com algum ato discriminatório dentro do ambiente educacional, enquanto N=31 (45,6%) disseram que nunca haviam presenciado cenas de homofobia dentro da escola. A homofobia pode se manifestar de diversas formas e causa grande impacto psicossocial para as vítimas, e parte desses conflitos são mascaradas como “brincadeiras” ou como atos de ingenuidade.

Para a contemporaneidade, a desconstrução de certas tradições e percepções ainda são barreiras essencialmente difíceis de serem superadas. E as assexualidades divergentes trazem consigo discursos discriminatórios e de ódio, e sofrem de estigmas por suas preferências sexuais (SOUSA, 2016; PEIXOTO, 2018).

Segundo Ntarelli et al. (2015) a homofobia interfere diretamente no rendimento escolar e na saúde, especialmente dos adolescentes, uma vez que os comentários homofóbicos e vexatórios induzem os mesmos a manter uma falsa *persona*, que corresponderá às expectativas da família e da sociedade. Em contrapartida, os jovens homossexuais são mais afetados em relação à violência, e configuram-se como um grupo socialmente vulnerável, tanto economicamente como afetivamente.

Com base na questão contida no questionário aplicado aos alunos e as respostas obtidas, com relação à segurança que a escola apresenta aos indivíduos que desejam assumir sua sexualidade, obtiveram-se algumas respostas, conforme descritas no quadro 5.

Quadro 5. Dados referentes à pergunta: “*Em sua opinião, no Ambiente Escolar, é seguro assumir a sexualidade com confiança? Por quê?*”.

Alunos (A)	Respostas
A1	<i>“Não, porque nem todo mundo tem uma mentalidade boa pra aceitar as diferenças dos outros e isso resulta em homofobia.”</i>
A2	<i>“Não, porque independente se você é uma boa pessoa ou não a sua sexualidade é julgada e as pessoas constrói a sua imagem em cima apenas disso.”</i>
A3	<i>“Talvez. Pois há pessoas que sim vão estar lá para te ajudar, mais haverão aquelas que estarão contra aquilo.”</i>
A4	<i>“Depende, pois a pessoa tem q tá ciente que irá sofrer preconceito por pessoas que não entendem ou muitas das vezes até por ignorância da parte delas não sabem respeitar.”</i>
A5	<i>“Depende, porque existem pessoas preconceituosas em todo lugar, até, no ambiente escolar.”</i>
A6	<i>“Na maioria das vezes na sociedade tem evoluído no quesito sexualidade e identidade de gênero, mas ainda estamos longe de termos segurança quando o assunto é assumir sua sexualidade, especialmente na escola pois sempre foi um ambiente muito difícil para adolescentes LGBTQ+.”</i>
A7	<i>“Não, porque muitas vezes as pessoas não respeitam a sexualidade do outro, que acaba levando as pessoas a terem medo de assumir sua sexualidade publicamente.”</i>
A8	<i>“Não, porque sempre haverá alguém que questionará, e irá julgar a escolha da outra pessoa.”</i>
A9	<i>“Sim, é necessário assumir sua sexualidade em todos os locais, mas também é necessário entender que em todos os locais terá pessoas homofóbicas.”</i>
A10	<i>“Na verdade, não, na minha opinião, em qualquer lugar você corre o risco de sofrer homofobia.”</i>

Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

De acordo com a questão referente ao quadro 5, percebeu-se que houve diversas divergências em relação à segurança proporcionada pela escola, para que haja a admissão de sua sexualidade perante a comunidade escolar. Enquanto alguns relataram que a instituição é segura e que propicia ao aluno um lugar acolhedor e respeitoso, outros tiveram uma posição contrária a esse respeito, como pode ser visto na fala de A2 e A6 que ressaltam a homofobia e a discriminação como um fator de impedimento para externar sua verdadeira sexualidade.

Segundo Ramires (2011), a escola é o ambiente mais preconceituoso, devido aos inúmeros relatos de maus-tratos e humilhações que os alunos LGBTQIA+ sofrem, interferindo diretamente no rendimento escolar, e como consequência afeta negativamente a inserção no mercado de trabalho formal, principalmente alguns grupos que possuem muitos estereótipos.

De acordo com as respostas dos alunos, fica evidente que o ambiente escolar ainda não está preparado para trabalhar questões de gênero e pluralidade sexual, uma vez que, ainda existem muitas concepções enraizadas na estrutura social que inviabilizam o diálogo com a comunidade escolar. Tais julgamentos são profundamente infundados devido à historicidade religiosa, deste modo cabe o papel da escola de discutir e informar sobre preconceitos e tabus que a sociedade se baseia, principalmente no que se refere às identidades sexuais. (FRANÇA, 2011, p. 16).

Diante disso, perguntou-se aos alunos: *“Na escola deveria haver mais discussões sobre diversidade sexual?”*. A maioria dos alunos N=67 (98,5%) marcaram a alternativa *“Sim”*, ou seja, eles acreditam ser necessário o debate na instituição acerca da pluralidade sexual e para o entendimento das diversas formas de expressão de gênero, enquanto N=1 (1,5%), marcou a opção *“Não”*, sendo necessário discussões sobre a temática.

Evidencia que o debate sobre educação sexual dentro da escola não é visto pelos alunos como algo abominável ou inconcebível de acontecer nesse âmbito. O que torna ainda mais eficaz a promoção de ações e atividades que possibilitem a interação deles com a comunidade LGBTQIA+ de modo educacional. Mas barreiras enfrentadas para implementação, é vista principalmente em relação à sociedade e a alguns pais que não permitem que seus filhos tenham contato com essa temática.

Como referido por Silva (2014), a violência de gênero dentro do ambiente escolar, principalmente com um grupo transgênero, como um elemento preocupante, assim refletindo sobre a aceitação, naturalização e promoção da violência de gênero.

Partindo, desse pressuposto, houve um questionamento sobre quais seriam os meios favoráveis para reduzir a homofobia dentro do espaço escolar, sendo uma pergunta feita de forma discursiva, para que pudesse expressar o ponto vista dos alunos acerca das estratégias adotadas para o combate da discriminação sexual.

A escola deve apropriar-se de métodos para criar uma conexão entre a escola e alunos sobre a educação sexual, pois existe uma fragilidade na concepção adotada pela rede educacional, que ao invés de aproximar cria ainda preconceito e chacota. Logo, entende-se que a experiência da homossexualidade no âmbito escolar é considerada pelos adolescentes como um período degradável e difícil e

está permeada por narrativas de violências com atos de violências morais e/ou físicas (JOCA 2016, p. 686).

O diálogo entre alunos e educação sexual é importante para a proteção dos indivíduos, uma vez que, existem muitas informações falsas e preconceituosas que prejudicam a abertura para compreensão dessa temática. Ainda sobre essa inferência, Zerbinati; Burns (2017) qualifica o papel de um profissional especializado para contribuir na pauta sobre sexualidade e problemas ocasionados pela homofobia.

6.4 Métodos pedagógicos que abordam a temática da Educação Sexual e homofobia dentro do ambiente escolar

O debate sobre educação sexual é importante, uma vez que através desses diálogos, perceberá as percepções que a comunidade escolar possui em relação a esta temática. E quais estratégias estão sendo feitas pela gestão escolar para a promoção desses assuntos dentro da escola. Além da abordagem sobre o silenciamento e negação de sexualidades divergentes daquela aceita na sociedade.

Sobre essas perspectivas, a resistência ao abordar a educação sexual nas escolas, tem estado presente desde as primeiras iniciativas das instituições educacionais brasileiras. Desse modo, destaca-se que, a partir da década de 1920, a lei brasileira prevê a necessidade da ES dentro das escolas (BORGES; MEYER, 2008).

Assim, ao questionarem os gestores e os estudantes acerca dos métodos pedagógicos que a escola usa diante dos dados coletados dos gestores e alunos que existem trabalhos e atividades voltadas para a educação sexual. Além de abrirem esses eventos para os pais/responsáveis, embora relatado pelos gestores que muitos não comparecem a essas cerimônias. Enquanto os estudantes destacam que existe pouco ou quase nenhum diálogo relacionado a educação sexual e os problemas ocasionados pela homofobia.

Nessa perspectiva é importante identificar a carência que as instituições de ensino apresentam, em relação às discussões sobre a sexualidade e, tais dificuldades estão relacionadas direta ou indiretamente às concepções que os pais apresentam e os movimentos religiosos e conservadores. Assim por mais que os movimentos de teor conservador tentem negar e estigmatizar os debates que envolvam a escola, não pode ser silenciado ou serem inexistentes, pois não existe

somente um gênero e, meramente uma sexualidade no espaço escolar, assim as instituições de ensino em si, ao longo da modernidade, é um espaço privilegiado na construção, reprodução, controle da diversidade e pluralidades (LOPES; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Dessa maneira, temáticas que trazem temas que envolvem gênero e diversidade sexual, passam a circular no contexto educacional, uma vez que, esse processo estimula a reflexão e a discussão educacionais. Ao qual, através dos formulários aplicados pelos gestores, percebe-se que embora haja uma preocupação em relação a estas pautas. A própria comunidade escolar não se apresenta pouco qualificada e despreparo ao lidar com as atitudes discriminatórias que os estudantes praticam, pois, a educação continuada torna-se insuficiente na abordagem, sendo um dos principais a educação sexual (NOGUEIRA et al., 2020).

E segundo as investigações dos autores Meyer (2017) e Meyer (2017), propuseram atividades educacionais e do uso da literatura, torna-se uma estratégia essencial para o enfrentamento da violência sexual contra as crianças e os adolescentes. Dado que compreender os processos, principalmente o respeito às diferenças, viabiliza a eficácia na prevenção desse tipo de violência.

Assim, estratégias pedagógicas corretas escolhidas pelas escolas para abordagem da temática da ES, assim como usos de recursos didáticos e a forma como será trabalhado em sala de aula, estão diretamente ligadas ao sucesso (MAZZIONI, 2013).

6.5 Avaliação das experiências vivenciadas, visando uma análise sobre processo de aprendizagem e sua efetividade, chegando ao diagnóstico situacional referente à aplicação das atividades

Através da aplicação de atividades pedagógicas voltadas para a educação sexual elaboradas para os estudantes do ensino médio, constatou-se a disposição dos mesmos acerca do debate que esta pauta acarreta. Onde foi possível averiguar que os adolescentes tinham conhecimento sobre a problemática da homofobia, e entendiam os preconceitos e discriminações que os indivíduos pertencentes a comunidade LGBTQIA+ sofrem constantemente. Assim, como uma forma de aprofundamento ainda maior, foram propostas dinâmicas com o intuito dos mesmos pudessem desenvolver empatia e compreensão sobre tais aspectos.

Nesse sentido, desejava também entender os mecanismos utilizados pela gestão escolar no enfrentamento da educação sexual e quais seus posicionamentos, em relação à homofobia. Uma vez que, a escola como um ambiente dinâmico e político deve ter em seu cerne, práticas pedagógicas que tenham como objetivo incorporar o respeito a todos os indivíduos independentes de seu gênero e sexualidade.

Dessa forma, percebeu-se uma falha no Projeto Político Pedagógico da escola, que não possui em seu documento atividade e/ou projetos que se relacionem a sexualidade no âmbito escolar. Dado que a gestão escolar deve se preocupar com tais aspectos, pois a escola abriga diversidades culturais, de gênero, sexualidades e personalidades.

Para Garci (2015) o tema diversidade sexual tem sido introduzido nas políticas públicas de educação e tratado por pesquisas mais recentes na área, mas são poucas as investigações que procuram averiguar quais as contribuições e dificuldades advindas desse processo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é um processo natural da experiência humana e a escola como um molde dos seres humanos, têm uma função importante na formação e construção dos saberes intelectuais, assim como: comportamentais, sociais e de autoconhecimento e reflexão. Desta maneira, é importante que a gestão escolar esteja preparada para os debates que envolvem a comunidade LGBTQIA+ e seus direitos perante a sociedade civil, sabendo-se como proceder, trabalhar, instruir e conduzir os estudantes.

Nesse viés, a presente pesquisa teve como objetivo promover a sensibilização dos gestores e estudantes, através da promoção de ações relacionadas à Educação Sexual no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), com a perspectiva de entender os desenvolvimentos que a gestão toma sobre casos graves de preconceitos dentro da instituição.

Desta forma, através da aplicação dos formulários com os gestores e alunos, foi possível analisar a existência de atividades e/ou projetos que sejam trabalhados pelos gestores no âmbito escolar. Além disso, constatou-se a inexistência desta pauta no Projeto Político Pedagógico da instituição, tornando dessa maneira o debate ainda mais difuso. Uma vez que, existem barreiras ao tratar-se de educação sexual e homofobia para estudantes, seja ela pela própria comunidade escolar e/ou por fatores externos como a família e questões religiosas. Demonstrando a fragilidade que temas como este possuem ao serem apresentados.

Diante disso, desenvolver métodos pedagógicos abordando a temática Educação Sexual e Homofobia dentro do ambiente escolar é fundamental, uma vez que, contribuirá nos processos formativos dos gestores e estudantes, tendo como relação a inexistência que a educação sexual tem sido nos projetos pedagógicos da instituição de ensino. Ademais, cabe à comunidade educacional garantir a participação de todos durante o processo, assim uma escola que não assume o papel educador sobre ES, é um ambiente que não educa as divergências dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

- ADÃO, Gabrielle de Fatima Cavichioli; JUNIOR, José Carlos Bastos. Ações da Gestão para a Prevenção das Violências no Âmbito Escolar: Um Relato do Projeto “Para Além dos Muros da Escola”. **Cadernos da Pedagogia**, v. 14, n. 28, mai./ago. 2020.
- ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. Parents experience with the sexual education of their children: implications for nursing care. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, p. 71-76, 2009.
- ARDIERI, E. **Direitos Humanos e Formação de Educadores: Algumas Reflexões**. Form. Doc., v. 03, n. 04, p. 23-32, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 13 de nov. 2022.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- _____. **Lei Nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989**. Crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Lex: coletânea de legislação: edição federal, Brasília, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm>. Acesso em: 10 ago. de 2022.
- _____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 09 de nov. 2022.
- _____. Ministério da Saúde. **Ministério da Educação**. Programa Saúde nas Escolas, Brasília, 2007.
- BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 16, p. 59-76, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. [Tradução] Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CAION. **20 Tipos de Sexualidade (Qual é a sua?)**. Disponível em: <<https://abglt.org.br/20-tipos-de-sexualidade-qual-e-a-sua/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Ipea; FBSP, 2019. Disponível: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784. Acesso em: 30 dez. 2022.
- CFP - Psicologia e práticas homossexuais. **Conselho Federal de Psicologia**. Disponível em <https://site.cfp.org.br/>. Acesso em: 14 de nov. de 2022.
- COM QUE IDADE DESCOBRIMOS NOSSA ORIENTAÇÃO SEXUAL. **BBC News Brasil**, 1 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45385028>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **Não espere o Epitáfio – provocações filosóficas**. Petrópolis-RJ: Vozes Nobilis, 2014. 160 p. ISBN-10: 853263222X. ISBN-13: 978-8532632227.

DE BARROS, Suzana da Conceição. Corpos, gêneros e sexualidades: questões que integram o PPP. **Diversidade e educação**, v. 1, n. 1, p. 14-16, 2013.

DE JESUS BARROSO, Ramon Roberto; DAS MERCÊS, Thais Silva Trindade. **O ENFRENTAMENTO DA HOMOFOBIA À LUZ DA GESTÃO ESCOLAR**. DE MORAES, Silvia Piedade. PRÁTICAS ESCOLARES: HOMOFOBIA E RESISTÊNCIAS—A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO CRÍTICO DE CONHECIMENTO. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 12, n. 1 ESP, p. 07-14, 2017.

ESCOLA, Escola Brasil. **Relações de gênero e sexualidade**. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FERREIRA, Graziela Silva; COSTA, Fabiana Freitas. A Importância da Temática de Gênero no Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais de Educação. **REVISTA EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS**, v. 1, n. 2, p. 164 a 175-164 a 175, 2020.

FRANÇA, Elisete Santana da Cruz. **Saindo do “armário”, quantas portas se abrem/fecham? As sexualidades na escola e na formação docente**. 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2011. Disponível em: http://www.obs_lgbt.furg.br/index.php/.../teses.html?...saindo-do...portas-se-abrem-fecham. Acesso em: 13 de nov. de 2022.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Enfrentando crises e fechando gestalten**. São Paulo: Summus, 2020.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula: relações de gênero**. Santa Catarina: Autêntica Editora, 2011. 192 p.

GARCIA, Osmar Arruda. **Marcas da experiência na formação docente em gênero e diversidade sexual: um olhar sobre o curso Gênero e diversidade na escola (GDE)**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GESE - grupo de pesquisa sexualidade e escola. **Sexualidade Escola**, 2016. Disponível em: <https://sexualidadeescola.furg.br/biblioteca/livros%3Fdownload%3D31:diversidadese sexual>. Acesso em: 14 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Aurélia Garcia. Educação sexual na escola: perspectiva da gestão. 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202384/Gomes%2CAG_me_franca.sub.pdf?sequence=6%3eacessado. Acesso em: 22 de dez. 2022.

HERNTHAISONG, Prasertsak; SIRISUTHI, Chaiyuth; WISETRINTHONG, Kanjana. Desenvolvimento de Sistema de Gestão Participativa na Gestão de Ambientes de

Aprendizagem para Escolas Básicas de Pequeno Porte. **Estudos de Educação Internacional**, v. 10, n. 2, pág. 166-173, 2017.

JOCA, Alexandre M. **Jovens na escola: Da violência homofóbica à contracultura das diferenças**. In: Gênero e sexualidade: interfaces e discursos [Livro eletrônico]./Katemari Diogo da Rosa, Marcio Caetano, Paula Almeida de Castro (organizadores). Campina Grande: Realize Editora, 2017. 9700 kb. - 937 p. il.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de Oliveira. **Os gêneros estão na escola**. Pernambuco: Editora da UFPE, 2018.

LÜCK, Heloísa. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÜCK, Heloísa et al. Dimensões da gestão escolar e suas competências. **Curitiba: Editora Positivo**, v. 1, 2009.

LÜCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Editora Vozes Limitada, 2017.

MAIA, Ana Paula Oliveira; DA SILVA, Núbia; NORONHA, Weslane Silva. Educação sexual na escola: sob o olhar do gestor e professor. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, p. 9864-9882, 2020.

MAZZIONI, Sady. As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 2, n. 1, p. 93-109, 2013.

MEYER, C. A. Livro "O que é Privacidade?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças. 2017. 111 p. **Dissertação (Mestrado em Educação Sexual)** - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

MEYER, F. Análise do jogo "trilha da proteção" como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil. 2017. 117 p. **Dissertação (Mestrado em Educação Sexual)** - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, p. 205-212, 2010.

MPSP - Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTQIA+. **Identidade e perfil sociodemográfico**. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/redes/valorizacao_diversidade/cartilhas/Pesquisa%20Nacional%20Por%20Amostra%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBTI%2B.2020.pdf. Acesso em: 13 de nov. de 2022.

NASCIMENTO, Marcos; ARRUDA, Silvani. **Valente não é violento**. nov. 2014. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/valente_inventario.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

NERY, I. S. et al. **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 28, n. 3, 2015.

NOGUEIRA, Natália Souza et al. **Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores.** HOLOS, v. 3, p. 319-327, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554866024.pdf>. Acesso em: 23 de dez. 2022.

PEIXOTO, Valdenízia Bento. **Violência contra LGBTs: premissas históricas da violação no Brasil.** Revista Periódicus, v. 1, n. 8, p. 7-23, abr. 2018. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28014>. Acesso em: 13 nov. 2022.

PERUCCHI, Juliana; BRANDAO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays.** Estud. Psicol., vol.19, n.1, pp.67-76, 2014.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Instituto Federal do Maranhão. Pinheiro: 2021. Disponível em: <<https://pinheiro.ifma.edu.br/wp-content/uploads/sites/2/2021/09/PPP-PROJETO-POLITICO-PEDAGOGICO.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

RAMIRES, L. **Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT.** In: VENTURI & BOKANY (Orgs.) Diversidade e Homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SAITO, Maria Ignez et al. **Adolescência e Sexualidade: visão atual.** São Paulo: Editora Atheneu, 2016. 248 p.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Atração Sexual. **Mundo Educação**, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sexualidade/atracao-sexual.htm>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SARTORI, T. L. **Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade:** Marginalização da educação sexual na BNCC. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/15558>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SAÚDE SUPLEMENTAR: o que é e como funciona. **Portal da Indústria**, 2019. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/saude-suplementar-o-que-e-e-como-funciona/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. **O conceito de saúde.** Revista de Saúde Pública. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/zthNk9hRH3TJhh5fMgDFCFj>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SEXUALIDADE: tudo sobre que você precisa saber. **Zenklub**, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://zenklub.com.br/blog/amor/sexualidade/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SFAIR, S.C. **Educação Sexual para adolescentes e jovens: o que preveem os documentos públicos nos níveis Federal e Estadual em São Paulo.** 2012. 113 f.

Dissertação de Mestrado em Terapia Ocupacional- Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SILVA, Moisés Moreira da; TUNICE, Lucio Mauro da Cruz. O papel da Gestão Escolar na tentativa de demandas relacionadas a problemas de Identidade de Gênero na Educação Básica. **ECCOM**, v. 10, n. 20, jul./dez. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Rodrigo Aires. **RECURSOS DIDÁTICOS TÁTEIS**: intervenções educacionais para mediar o ensino da Geografia para estudantes cegos.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet.. **Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory**. Thousand Oaks: SAGE publications, 2015.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra; BESSA, Juliana Cristina. **Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista**. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 4, p. 725-741, 2011.

VIDAL, M. A educação sexual. **Ética da sexualidade**. São Paulo: Loyola Jesuítas, 2002.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. **Modelos de educação sexual na escola**: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LVjDxGRKtkZTwX4kSNzmQ8v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de nov. de 2022.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

O menor de idade pelo qual o (a) senhor (a) é responsável está sendo convidado (a) a participar da pesquisa que tem por título: **“EDUCAÇÃO SEXUAL E HOMOFOBIA: uma percepção de respeito à diversidade sexual em uma escola de ensino médio na cidade de Pinheiro-MA”**. Essa pesquisa faz parte do pré-requisito para obtenção da aprovação de Monografia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Neste estudo pretendemos promover atividades educativas sobre Educação Sexual e homofobia, visando o respeito e a diversidade sexual na adolescência com alunos do Ensino Médio do Instituto Federal do Maranhão, Campus Pinheiro. Para tanto, será proposto metodologias que tenham como enfoque principal a sensibilização da diversidade de gênero. Caso você autorize, seu filho irá participar da aplicação de um questionário on-line pelo Google Formulário, no qual conta com questões fechadas de múltiplas-escolhas referente ao conteúdo. A participação dele (a) não é obrigatória, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. O (A) senhor (a) o menor de idade pelo qual é responsável não receberão remuneração pela participação. A participação dele (a) poderá contribuir para (benefícios da pesquisa) as suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ (colocar o nome legível do pai/mãe/responsável/cuidador) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou responsável, _____ (colocar o nome do menor), sendo que:

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

Pinheiro, _____ de _____ de 2022

(Assinatura do(a) responsável)

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA MENORES DE IDADE.

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA MENORES DE IDADE

O menor de idade pelo qual o (a) senhor (a) é responsável está sendo convidado (a) a participar da pesquisa que tem por título: **“EDUCAÇÃO SEXUAL E HOMOFOBIA: uma percepção de respeito à diversidade sexual em uma escola de ensino médio na cidade de Pinheiro-MA”**. Essa pesquisa faz parte do pré-requisito para obtenção da aprovação de Monografia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Neste estudo pretendemos promover atividades educativas sobre Educação Sexual e homofobia, visando o respeito e a diversidade sexual na adolescência com alunos do Ensino Médio do Instituto Federal do Maranhão, Campus Pinheiro. Caso você autorize, seu filho irá participar da promoção de ações que visem a sensibilização sobre a Homofobia por meio de Educação Sexual. Com a aplicação de um questionário com questões fechadas de múltiplas escolhas referente ao conteúdo. A participação dele (a) não é obrigatória, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. O (A) senhor (a) o menor de idade pelo qual é responsável não receberão remuneração pela participação. A participação dele (a) poderá contribuir para (benefícios da pesquisa) as suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ (colocar o nome legível do pai/mãe/responsável/cuidador) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou responsável, _____ (colocar o nome do menor), sendo que:

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe.

Pinheiro, _____ de _____ de 2022

(Assinatura do(a) responsável)

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES DO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO (IFMA).

Nome Completo: _____

Idade:

- () 20 - 25 anos
 () 26 - 31 anos
 () 32 - 37 anos
 () 38 - 43 anos
 () 44 - 49 anos
 () Mais de 50 anos

Sexo	
Masculino ()	Feminino ()

1) Há quanto tempo você está na gestão desta escola?

2) Qual sua formação acadêmica?

3) O tema Educação Sexual é trabalhado na escola?

() Sim

() Não

Caso afirmativa, de que maneira ela é trabalhada?

4) Na escola existem projetos acadêmicos voltados para a temática de educação sexual e homofobia?

() Sim

() Não

Se sim, qual o nome do projeto?

5) Na escola possui o PPP (Projeto Político Pedagógico)?

() Sim

() Não

6) De que maneira, o tema educação sexual e homofobia está inserida no PPP?

- Oficinas
- Palestras sobre a temática
- Campanhas ofertadas dentro da escola
- Outros

7) Em relação à sexualidade no contexto atual, qual é o seu pensamento? E para você quais níveis de ensino acha interessante trabalhar o tema?

8) Você como gestor escolar auxilia no trabalho com a Educação Sexual?

- Sim
- Não

9) A escola envolve a família nos projetos de educação sexual? Como ocorre esse envolvimento?

- Através de reuniões para discutir a temática
- Nas reunião de pais é falado superficialmente quando necessário
- Convidam os responsáveis a participar de alguma Palestra, debate
- Não envolvem a família nesses assuntos

10) A escola promove eventos que envolvam o tema sexualidade, os pais são convidados a participar?

- Sim, e a maioria dos pais comparecem
- Sim, mas poucos responsáveis comparecem
- Não promovem esses eventos

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO (IFMA).**Nome Completo:** _____**Idade:**

- 14 anos
 15 anos
 16 anos
 17 anos
 18 anos
 19 - 24 anos

Qual gênero você se identifica?

Sexo	
Masculino ()	Feminino ()

Outro (Por favor, especifique): _____

Qual foi o sexo atribuído no seu nascimento?

- Feminino
 Masculino

Cidade:

- Pinheiro
 Santa Helena
 Bequimão
 Peri mirim
 Presidente Sarney
 Turilândia
 São Bento
 Palmeirândia

() Central

() Pedro do Rosário

Turno e Turma:

1) O que significa homofobia?

() Sim

() Não

2) Você sabe o que significa a sigla LGBTQIA+?

() Sim

() Não

3) Você tem amigos ou familiares que fazem parte da comunidade LGBTQIA+?

() Sim

() Não

4) Em casos de homofobia praticados com um amigo e/ou familiar seu, você saberia lidar com essa situação?

() Sim

() Não

() Talvez

5) Em sua escola, já presenciou cenas de homofobia?

() Sim

() Não

6) Em sua opinião, no Ambiente Escolar, é seguro assumir a sexualidade com confiança? Por quê?

7) Na escola deveria haver mais discussões sobre diversidade sexual?

() Sim

() Não

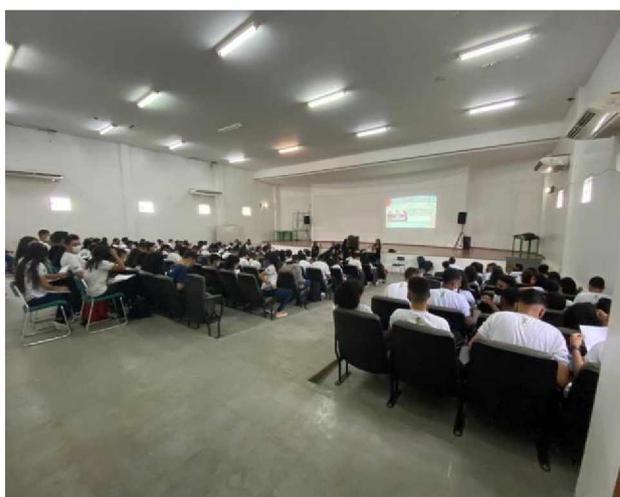
8) Quais são os possíveis fatores que contribuem para a homofobia?

9) Quais meios seriam favoráveis para reduzir a homofobia no espaço escolar?

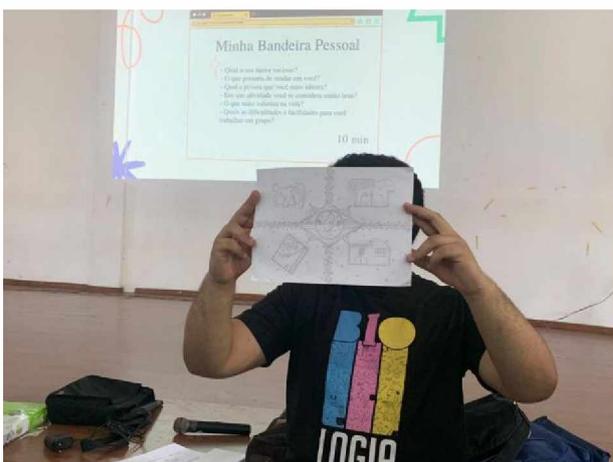
10) Caso você escute alguém contar piadas que ofendam às pessoas que não são heterossexuais, você:

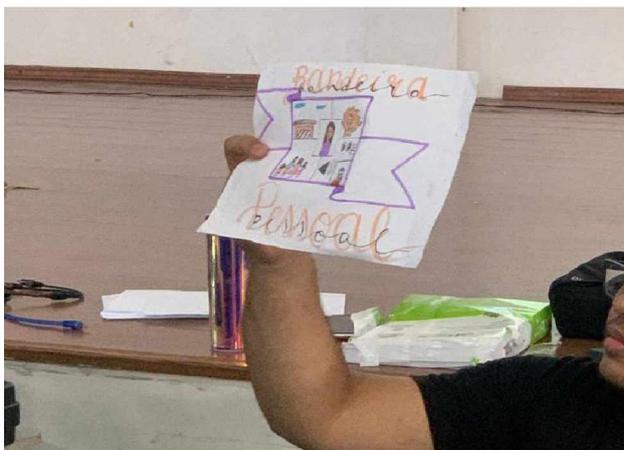
- Irrita-se, mas finge que se diverte para que não pensem que você seja homossexual.
- Irrita-se e pede para não rirem das pessoas por conta de sua orientação sexual.
- Irrita-se, fica chateado(a) e sai discretamente do grupo, pois tem medo que falem de você.
- Diverte-se, pois acha normal (correto) fazerem piadas sobre essas pessoas.

APÊNDICE E - PALESTRA NO AUDITÓRIO DA INSTITUIÇÃO REALIZADA COM OS ESTUDANTES.

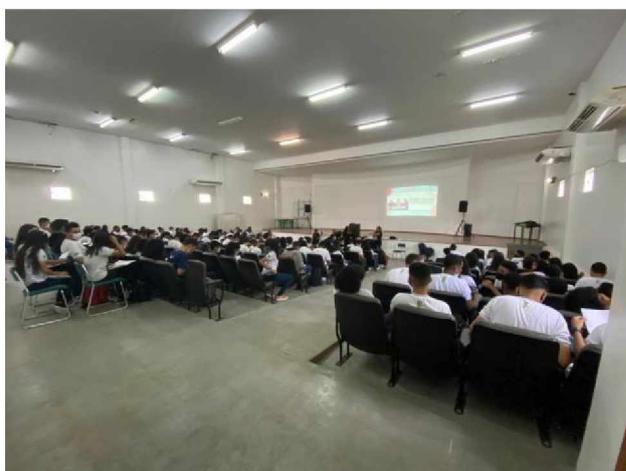


APÊNDICE F - CONSTRUÇÃO DE SUA PRÓPRIA BANDEIRA PESSOAL A PARTIR DE SEIS PERGUNTAS.





APÊNDICE G - CONSTRUÇÃO DE SUA PRÓPRIA BANDEIRA PESSOAL A PARTIR DE SEIS PERGUNTAS.



APÊNDICE H - MAPA DA EMPATIA.